

O DESAFIO DE ESTIMULAR O GOSTO PELA LEITURA EM CRIANÇAS PEQUENAS

THE CHALLENGE TO STIMULATE TASTE FOR READING IN LITTLE CHILDREN

Marieli Paim de Lima¹

Vanice dos Santos²

Resumo: O ato de ler deve ser compreendido primeiramente como uma forma de apropriação da própria cultura. A educação pensada como algo intencional foi primeiro concebida pelos gregos. No que diz respeito a concepção de Infância foi Rousseau quem primeiro defendeu as suas especificidades. Platão denominou de formação o ato de educar. Na *pólis* através da construção do cidadão pensava-se conseguir a estruturação do Estado ideal. Dentre os pressupostos da *paideia* grega estava o entendimento da formação do ser através dos valores éticos e políticos. A escola tem fundamental importância no que diz respeito a esta função, isto considerando o seu papel no sentido de garantir a transmissão do conhecimento permeando as gerações visando assim a manutenção da cultura. Vivemos atualmente na era digital, assim, constitui um desafio fomentar nas crianças o gosto pela leitura, considerando o livro, mais especificamente o livro impresso como uma ferramenta cultural.

Palavras-chave: Livro. Criança. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Consideramos de fundamental importância a leitura para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e a partir daí se necessário atuarem como agentes de transformação da sociedade. Assim como na Grécia antiga a *paideia* formava os cidadãos para a *polis* uma educação fundamentada em intencionalidades. Daí a importância de buscar logo no início da vida escolar da criança fomentar o gosto pela leitura. Neste sentido pensamos o ato de ler como algo libertador para o indivíduo. Conhecimento é poder, assim, ferramenta de transformação a serviço da sociedade.

Através da leitura a criança pequena vai ampliando o seu vocabulário, torna-se capaz de organizar o pensamento, apropria-se dos saberes acumulados através das gerações e conseqüentemente da própria cultura. A Escola tem entre as muitas funções o compromisso

¹ Mestranda em Educação – Universidade do Planalto Catarinense – marielilimap@gmail.com.br

² Doutora em Educação – Universidade do Planalto Catarinense - profa.vanice@uniplaclages.edu.br

com o desenvolvimento intelectual dos alunos, deste modo a literatura é fundamental. Nesta perspectiva, para que o educador exerça com sucesso sua função necessita conhecer este universo.

No que diz respeito a metodologia, buscamos através da consulta de referenciais teóricos pertinentes, de autores tais como: envich (2008), Barbosa (2006), Brito e Sampaio (2013), Costa (2007), Dussel (2017), Fonseca (2012), Jaeger (2001), Kant (2012), Manguel (2017), Rohden (1994), Rousseau (2004), Salles e Faria (2012) e Santos (2013) contribuindo com elementos para a constituição dos nossos pensamentos. Assumindo a postura de pesquisadores entendemos, conforme salienta Minayo (1994), que é extremamente relevante o aprofundamento nas obras de diferentes autores, que sob nossa ótica, nos instrumentalizam a identificar ideias opostas as que construímos configurando deste modo uma pesquisa bibliográfica.

2 O DESAFIO DE ESTIMULAR O GOSTO PELA LEITURA EM CRIANÇAS PEQUENAS

Fonseca (2012) afirma que ao realizar leituras para os alunos, estes não apenas aprendem o conteúdo daquilo que é lido como também a utilidade que as pessoas atribuem à leitura, as atitudes de um leitor e principalmente a partilhar o que denomina de práticas sociais de leitura. Acrescenta que cabe ao educador preconizar atividades que ultrapassem os limites da reflexão sobre os sistemas de escrita, mas que desenvolvam as competências básicas para a vida cotidiana.

Para Kant (2012) o homem só pode ser educado por outros homens e que para o bom desempenho desta função é necessário que o educador tenha sido também bem educado. No que diz respeito ao gosto pela leitura pensamos que acontece do mesmo modo, para que o aluno possa gostar de ler é importante perceber que o professor faz uso da leitura e considera o hábito importante, pois se tratando de crianças, o exemplo é algo muito importante.

Para Abramovich (2008) ler é uma forma de fomentar o imaginário, é nutrir a curiosidade, encontrar respostas e fazer tantas outras perguntas, buscar soluções para os desafios, tal qual os personagens fizeram. A leitura pode proporcionar uma verdadeira viagem, assim o desbravamento de novos lugares e culturas.

2.1 O surgimento do livro e a função da metáfora

Zilberman (2012) afirma que se atribui a Homero com a epopeia *Ilíada* e Hesíodo com a *Teogonia*, respectivamente nos séculos VIII e VII a.C o surgimento das primeiras exposições artísticas utilizando-se da palavra. Já no século IV a.C. surgiu a Retórica para Alexandre o qual tornou-se um livro didático importante em sua época. Este livro possivelmente foi redigido por Anaxímenes de Lampsaco (século VI a.C). A referida produção foi integrante no corpus das obras de Aristóteles. Conforme sugere o nome, tratava-se de escritos destinados a ensinar a arte do bem falar. O livro didático constituiu-se um dos mais antigos gêneros ocidentais.

O livro, segundo Manguel (2017) pode assumir múltiplas faces, extrapolar os limites do tempo e do espaço. Lugar onde é possível o registro das nossas próprias experiências assim como de conhecer o mundo de outros. Narrativas que nos permitem visitar o passado, analisar o presente e o futuro.

É possível afirmar que o livro, considerado como suporte literário, embora modificado esteticamente, segundo Manguel (2017) teve seu surgimento quase que simultaneamente ao aparecimento da escrita, há aproximadamente cinco mil anos. Assim eram registradas as ideias, garantindo o alcance para as gerações futuras.

Fonseca (2012) explica que a leitura proporciona acesso ao que denomina de legado cultural da humanidade. Acrescenta que para este fim, primeiramente usou-se da oralidade, depois, através de desenhos até a evolução para a escrita. Este processo também sofreu profundas transformações. Inicialmente matava-se um animal, havia a necessidade de preparar a pele para então confeccionar um pergaminho, utilizando-se de outras matérias primas as quais também demandavam de habilidades específicas obtinha-se a tinta utilizada na escrita. Em outros tempos também foi utilizado a técnica de entalhar em blocos de pedra os registros. Assim enfatiza os percalços até termos a imprensa onde é possível termos acesso ao livro de forma muito mais facilitada.

Conforme Manguel (2017) o uso da metáfora chegou a literatura através da tradição judaica no século VI a.C. onde os judeus da época demonstravam desprovimento de um vocabulário suficientemente competente para expressar seus pensamentos abstratos. Assim acabavam por tornar simbólico algumas palavras usadas comumente para significar objetos concretos. Deste modo é possível perceber que a ideia de capturar a realidade para um objeto a fim de representa-lo é uma prática que vem desde os tempos antigos.

De acordo com Santos (2013), estamos operando com formas de representação ao usarmos o sistema computacional, onde os artefatos digitais vão tornando-se também culturais. Assim é possível afirmar que o livro, compreendido como um artefato cultural aproxima-se neste sentido da estratégia utilizada no ciberespaço, pois busca transferir a realidade para o mundo da escrita, utilizando-se de narrativas, tal qual o meio digital.

Segundo Manguel (2017) explica, a Bíblia é essencialmente escrita sob metáforas, o que acabou por gerar algumas interpretações equivocadas, revelando que muitos seguidores acreditando que a explanação metafórica tratava-se de uma ação acabaram por perder-se do verdadeiro significado a que se pretendia ensinar. Cita como exemplo Santo Atão que conforme aconselhamento de Mateus dirigiu-se para o deserto levando unicamente o Evangelho. O autor esclarece que, em uma obra literária, o leitor é um viajante enquanto o livro a jornada a ser percorrida.

Manguel (2017) apresenta suas considerações acerca de uma das narrativas mais antigas descobertas, qual seja, a epopeia de Gilgamesh, elaborada possivelmente em 1.750 a.C, e reelaborada dois séculos depois. A primeira escrita foi encontrada em onze tábuas de barro, esta versão recebeu a denominação de: versão ninivita. Nesta narrativa o leitor é convidado a passear pela cidade, reconhecer o texto que encontra-se descrito ali. Com o passar dos séculos a epopeia foi recebendo remodelações, isto porque as intervenções de outros idiomas, assim como as modificações da cultura acabaram por inferir novos significados a decodificação dos escritos. Deste modo o relato de um sopro sagrado era compreendido pelos primeiros leitores como responsável pela origem da vida e pelos últimos como um sopro devastador.

2.2 A leitura e as novas ferramentas culturais

Fonseca (2012) afirma que desde os tempos mais remotos a humanidade experimentou a necessidade de contar histórias, não somente sobre fatos relacionados à sua rotina, mas também sobre coisas que não compreendia, usando a fantasia como subterfúgio para não sentir medo.

E ainda é assim, narramos para não termos medo da violência, dos desafios, dos mistérios, dos ciclos de desenvolvimento da vida, das partidas, dos novos encontros, [...]. Narramos para compreender a vida, para guardar na memória, para deixar gravado, para nos entendermos mais e melhor, para sonhar para nos mantermos vivos, para vir a ser. (FONSECA, 2012. p.21)

Manguel (2017) e Kant (2012) compactuam do mesmo pensamento ao afirmarem que o homem difere-se de outros animais por serem biologicamente desenvolvidos de modo a terem consciência da própria existência. Para Kant (2012) o homem por natureza é carente de cuidados e instrução. Os animais não necessitam de serem instruídos, carregam consigo o instinto que lhes favorece a sobrevivência. Não há uma transmissão de conhecimento dos mais velhos, com exceção das aves que aprendem a cantar com os seus ascendentes.

Para Kant (2012) o ato de educar é considerado uma arte, sendo assim, aperfeiçoado a cada geração. Considerando os conhecimentos das gerações anteriores deve ser pensado em desenvolver todas as disposições gerais do ser humano. Assim, é evidente o valor da escrita e da leitura no sentido da perpetuação do conhecimento. Os erros e acertos cometidos podem ser utilizados de experiência às gerações mais recentes, servindo de base para novas descobertas e favorecendo a constante evolução.

Segundo Fonseca (2012) foi o alemão Johannes Gutenberg próximo da data de 1.440 o responsável pela criação de uma prensa móvel, facilitando a produção padronizada e em grande escala de livros. Assim, considerando os dias atuais afirma que estamos vivendo uma nova transformação, considerando o acesso às tecnologias digitais, as quais não somente exercem a função de depósito dos conteúdos como também de apoio para consumo.

Manguel (2017) ressalta que há quem faça analogias com relação ao livro e o texto eletrônico: Afirmando que com o primeiro se navega do mesmo modo que os Gregos, acompanhando a costa, enquanto que com o segundo trata-se de uma viagem espacial, onde se vê a Terra de um ponto muito distante. Mas ele discorda desta visão. Entende que ao utilizar o livro (físico) como fonte de leitura se faz conexões mentais com outros livros, imaginando os personagens, construindo conceitos, mas a leitura realizada no ambiente digital assemelha-se a um labirinto, cujos caminhos podem dificultar alcance ao destino final. Atenta para o fato de que precisamos reaprender a ler de forma profunda, reflexiva, independentemente de usar o papel ou uma tela de computador.

Santos (2013), afirma que experiências com ferramentas culturais são enriquecedoras para a aprendizagem, neste sentido referindo-se as ferramentas digitais, que não somente podem favorecer a socialização como também o acesso aos saberes disponíveis no espaço digital. Acrescenta que o computador evoluiu de uma máquina de calcular para transformar-se em máquina de escrever, podendo ser hoje considerada máquina de produção de narrativas.

De acordo com Brito e Sampaio (2013), imersos no mundo digital temos o desafio de compreender novas maneiras de ler. Há uma nova forma de produção de narrativas, onde se

fazem necessárias outras competências que extrapolam as questões linguísticas, neste sentido fazem referência ao letramento digital.

Fonseca (2012), ciente da influência que a tecnologia tem na vida das pessoas e a relação destas com as questões de consumo enfatiza a importância do livro:

Em uma sociedade impregnada pelo consumismo, em que quase ninguém quer ficar atrás, sem ter os últimos modelos de netbooks, celulares, videogames, mp3, GPS, TVs móveis, gravadores, HDs, CDs, DVDs, pen-drives, câmeras digitais, filmadoras, tabletes, scanners, impressoras, etc., quem sabe Camões, Jorge Amado, Monteiro Lobato, Nelson Rodrigues, Drummond, Saramago, Dostoiévsk, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Fernando Pessoa, Shakespeare, Miguel de Cervantes, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Ágatha Christie, Gabriel García Márquez, Guimarães Rosa, Tólstói, Cecília Meirelles, George Orwell, Machado de Assis, Homero, Vinícius de Moraes, Flaubert, Proust, entre outros, também não se tornem objeto de desejo e disputa entre os consumidores-cidadãos? (FONSECA, 2012, p. 19)

Barbosa (2006) afirma que estamos diante de um desafio, pois as novas tecnologias oferecem uma variada gama de ferramentas que favorecem explorar o mundo com grande agilidade, aumentando as possibilidades quantitativas de informações. Pensamos que deste modo, deve haver uma preocupação no sentido de favorecer a leitura em família, pois o acesso facilitado através do meio digital, por si só não garante o hábito da leitura, tão pouco a qualidade do que se lê.

Costa (2007) afirma que a internet tem um papel muito importante no que diz respeito ao número de textos lidos. Os contos infantis que apresentam movimento e som atraem muito a atenção dos pequenos que frequentemente são hábeis no manuseio dos meios eletrônicos. Assim suportes como a internet desenvolvem competências distintas daquelas em que o livro possibilitava.

2.3 A criança e o despertar para a leitura.

Para Salles e Faria (2012) através das relações entre os sujeitos, bem como com a própria cultura a criança é incorporada em um universo em construção. Assim dependendo da postura do adulto a criança apenas poderá agir como reprodutora desta cultura ou atuar de modo a reinventar novas formas de interferir nesta realidade, usando-se da sua curiosidade e forma particular de compreender a realidade. Neste sentido nos conduz a pensar sobre as inúmeras possibilidades que a leitura pode proporcionar, fazendo com que a criança desperte

a sua imaginação, a capacidade de inventar histórias, leitura de imagens, interpretação e reinvenção das histórias.

Salles e Faria (2012) afirmam que as Escolas de Educação Infantil devem preocupar-se em possibilitar formas de apropriação de alguns elementos pertencentes aos sistemas simbólicos elaborados através das gerações, tendo acesso ao acervo artístico cultural resultado desta evolução. Ao pensar em inclusão social é indispensável que estas linguagens façam parte do cotidiano, mediando às relações entre os sujeitos.

A preocupação com a formação do leitor, segundo Costa (2007), é atribuição primeira da escola, ante as outras instituições tais como igreja ou família. Acrescenta que o professor deve ser um exemplo, para que a criança perceba a importância do ato de ler. Assim nos reportamos a Dussel (2017) quando trata da montagem da Escola, onde coloca a instituição como um espaço específico, que tem (ou deveria ter) um papel bem definido na estrutura da sociedade. Elogia a escola, apresenta várias críticas, mas enfatiza que mesmo diante de adversidades a escola mantém-se forte, ultrapassando gerações.

O contato com os diferentes gêneros textuais favorece também que o indivíduo compreenda a utilidade da escrita e da leitura, formando referências simbólicas, capacidade de abstração. Como educadores cabe destacar que estas funções são importantes no processo de alfabetização.

Considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu art. 9.º determina que as Escolas devem garantir as crianças pequenas experiências que:

[...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. (BRASIL, CNE/CEB, 2009, art 9.º, incisos II e IX).

As crianças, segundo Costa (2007) afirma, normalmente demonstram gostar de narrativas, isto porque ocorre por parte do leitor uma identificação com o personagem, podendo através da imaginação experimentar a sensação de medo, dor, de sofrimento, etc. Se realmente expusessem-se a estas situações no mundo real, acabariam por sofrer ameaças a própria integridade. Deste modo, através do que a autora define como mimética, o indivíduo vai construindo a sua singularidade. Ainda que de modo inconsciente, o leitor procura primeiramente a identificação que a narrativa tem em relação ao que supõe ser a sua identidade.

Abramovich (2008) compactua com os pensamentos de Costa (2007) sobre a importância da leitura e da fantasia para a criança no que tange a experimentar emoções. Afirma que a leitura de história pode suscitar nos alunos a sua criticidade, fazendo com que passe a refletir e a questionar sobre determinadas situações. Aprendendo a formar sua opinião, reconhecer os autores que mais gosta, os gêneros textuais que melhor se identifica, melhorando suas capacidades argumentativas.

Costa (2007) acrescenta que é de grande importância uma literatura voltada para os interesses da criança. Neste sentido salienta a valorização da característica a qual denomina de assimetria: embora elaborada por adultos apresenta como finalidade a criança. Rousseau (2004) no século XVIII já demonstrava preocupação com as especificidades da criança, em um tempo em que o conceito de infância não era conhecido criticava: a criança tão logo se tornava adulto parecia esquecer todas as características que outrora fizeram parte da sua vida.

Ao pensar em despertar o gosto pela leitura é imprescindível que o educador preocupe-se em identificar as características que melhor poderão atrair seus alunos, formas de familiarizá-los com a leitura, sem perder de vista o ensinamentos voltados para a emancipação destes sujeitos, de modo a aproximar-se dos princípios da *paideia* grega, especialmente no tocante a formação do homem para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos realizados, podemos concluir que as linguagens assim como o livro passaram por grandes transformações durante os séculos, mas o desejo de compartilhar saberes e contar histórias ultrapassou as gerações. Podemos dizer que tivemos muitos avanços no que diz respeito à perspectiva de universalização de acesso a leitura e a escrita. Houve um tempo em que elaborar um registro escrito era uma tarefa que exigia muitas habilidades as quais estavam muito além do domínio da língua e do conhecimento, atualmente graças as políticas públicas, acesso as tecnologias há um acesso facilitado a maior parte da população.

Considerando os princípios da *paideia* grega, avaliamos que enquanto educadores não podemos ficar indiferentes as novas tecnologias, afinal a formação humana a qual nós educadores nos propomos tem de considerar a realidade social a qual estamos inseridos, assim como o ideal de sociedade que pretendemos. Jaeger (2001), assim como Rohden (2009) nos levam a pensar que a atenção do educador deve estar centrada na formação integral do ser humano, não somente apreciando o conhecimento científico, mas valores imprescindíveis à

vida em sociedade. Uma educação preocupada apenas em preparar o sujeitos para serem financeiramente bem sucedidos é uma educação deficiente que não cumpre o seu papel.

Preocupa-nos pensar que atualmente muitas pessoas mesmo tendo acesso não leem, não têm interesse por livros, seja ele físico ou apresentado através das tecnologias. Se por um lado os conhecimentos acumulados ao longo das gerações tornaram-se algo muito mais democrático, as escolas em sua maioria possuem biblioteca, as cidades possuem um acervo bibliográfico, o computador também conforme pudemos perceber é uma fonte que propõem narrativas. Ler, não somente favorece a aquisição de informação, mas principalmente o desenvolvimento da imaginação, da linguagem, assim como muitos outros aspectos que não foram tratados de forma direta no presente estudo.

A partir das abordagens apresentadas percebemos que a escola tem o papel principal no sentido de fomentar o gosto pela leitura, não podendo eximir-se da sua responsabilidade. Afinal a escola é uma montagem que dentre os seus vários objetivos um dos principais é a inserção a cultura. Esta atitude somada aos hábitos desenvolvidos na família e na sociedade poderá render bons frutos no que diz respeito a formação de leitores.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também verificamos que na atualidade esta obrigação está sendo reforçada e deve ser cumprida. Cabe assim ao educador estabelecer estratégias para que sejam criados momentos de contato com a leitura. Selecionando obras onde oportunize a compreensão da criança sobre o mundo e sobre si mesma. O educador deve questionar-se sobre a forma como as crianças são inseridas no mundo da leitura, os interesses característicos de acordo com a faixa etária, as leituras que melhor contribuem com o seu desenvolvimento e principalmente selecionar os conteúdos que possibilitem o crescimento deste aluno como cidadão. Assim consideramos que o leitor não deve apenas reproduzir a cultura, mas a partir desta construir a reflexão e o despertar da criatividade possibilitando a sociedade tomar outros rumos em uma perspectiva mais inclusiva e democrática.

Abstract: The act of reading must first be understood as a form of appropriation of the culture itself. Education thought to be intentional was first conceived by the Greeks. With regard to the conception of Childhood was Rousseau who first defended its specificities. Plato called the formation the act of educating. In the polis through the construction of the citizen it was thought to achieve the structuring of the ideal State. Among the assumptions of the Greek paideia was the understanding of the formation of being through ethical and political values. The school has fundamental importance in relation to this function, considering its role in ensuring the transmission of knowledge permeating the generations in order to maintain the culture. We are currently living in the digital age, therefore, it is a challenge to foster

children's taste for reading, considering the book, more specifically the printed book as a cultural tool.

Keywords: Book. Child. Culture.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2008.

BARBOSA, Laura. **A Educação de crianças pequenas.** São José dos Campos: Pulso, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução n.º5/2009, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Brasília. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – CEB. Dez. 2009.

BRITO, Francisca de; SAMPAIO, Maria Lúcia. **Gênero Digital: A multimodalidade** Ressignificando o Ler/Escriver. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 293-309, jan./jun. 2013.

COSTA, Marta. **Metodologia do ensino da literatura infantil:** Estudo e ensino. Curitiba: Ibpex, 2007.

DUSSEL, Inés. **Sobre a precariedade da escola.** In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola.** Tradução Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 87-111.

FONSECA, Edí. **Interações:** Com olhos de ler. São Paulo: Blucher, 2012.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia:** a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, Immanuel. Introdução. In: __. **Sobre a pedagogia.** Piracicaba: Editora da Unimep, 2012.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora:** o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 9-21.

ROHDEN, Luiz. Sobre a atualidade da paideia grega. In CENCI, Angelo Vítório; DALBOSCO, Cláudia Almir; MÜHL, Eldon Henrique (Orgs). **Sobre filosofia e educação:** Racionalidade, diversidade e formação pedagógica. Passo Fundo: UPF Editora, 2009

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SALLES, Fátima; FARIA, Vitória. **Currículo**: Na Educação Infantil. São Paulo: Editora Ática, 2012

SANTOS, Vanice dos. **Ágora Digital**: O cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente virtual de aprendizagem. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p.87-122.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.